

PRIMEIROS IMPACTOS DO NOVO CORONAVIRUS NO MERCADO DE TRABALHO DOS ESTADOS UNIDOS – UMA ANÁLISE DA CURRENT POPULATION SURVEY E DA CURRENT EMPLOYMENT STATISTICS

FIRST IMPACT OF THE NEW CORONAVIRUS IN THE U.S LABOR MARKET – AN INVESTIGATION BASED ON THE CURRENT POPULATION SURVEY AND THE CURRENT EMPLOYMENT STATISTICS DATA

Tomás Rigoletto Pernías

Economista e Internacionalista, é Mestre e Doutor em Desenvolvimento Econômico na área de Economia Social e do Trabalho pelo IE/UNICAMP. Docente da UNIFACP e atua como técnico extensionista do PEIEX/FACAMP

Resumo: o presente artigo tem por objetivo investigar os primeiros impactos da pandemia causada pelo novo coronavírus no mercado de trabalho norte-americano, entre março e abril de 2020. Do ponto de vista metodológico, adotou-se a seguinte divisão: 1) na primeira parte, faz-se uma breve análise do Produto Interno Bruto dos E.U.A. no primeiro trimestre de 2020; 2) na segunda parte, apresenta-se um panorama geral dos principais indicadores do mercado de trabalho, conforme os dados da *Current Population Survey*, por gênero e faixa etária; 3) na terceira parte, o artigo traz uma análise do impacto setorial causado pela pandemia, a partir dos dados da *Current Employment Statistics*. Concluiu-se que: as mulheres e os jovens foram os segmentos mais afetados pela crise, além de já possuem uma inserção mais precária no mercado de trabalho; 2) de todos os setores, o nível de emprego em “lazer e hospedagem” e o “setor varejista” foram os mais impactados pela crise.

Palavras chave: 1) mercado de trabalho; 2) Estados Unidos; 3) covid-19

JEL: Labor Economics: General

Abstract: the present article investigates the preliminary impact of the covid-19 pandemic in the U.S labor market, during march and april of 2020. From a methodological point of view, the following division was adopted: 1) the first part of the article presents the economic impact of the pandemic situation on the american Gross Domestic Product; 2) the second part describes what happened to the labor market, according to the *Current Population Survey*; 3) at last, the third part of this paper brings a sectorial analysis, with data extracted from the *Current Employment Statistics*. The article concluded that: a) women and the young people were the segments most affected by the crisis, in addition to already having a worse insertion in the labor market; 2) from all the sectors, the level of employment in “leisure and accomodation” and the “retail sector” were the most impacted by the crisis.

Keywords: 1) Labor market; 2) United States; 3) Covid-19

Introdução

O primeiro caso confirmado do novo coronavírus nos Estados Unidos ocorreu em meados de janeiro. Desde então, a Organização Mundial da Saúde declarou o Covid-19 uma pandemia global, viagens internacionais foram proibidas, e, só nos Estados Unidos, foram confirmadas mais de 2 milhões de infectados, com 120.000 mortes. A resposta norte-americana à pandemia foi o fechamento de estabelecimentos comerciais e a orientação para que as pessoas fiquem em casa. A Califórnia, em 19 de março, no o primeiro estado a decretar ordens para que os cidadãos evitassem circular pelas cidades. Diversos estados decretaram ordens semelhantes. Foi também em março que o governo federal dos E.U.A começou a restringir as viagens e a circulação de pessoas. (CAJNER, CRANE, DECKER, GRIGSBY, HAMINS-PUERTOLAS, HURST, KURZ, YLDIMAZ, 2020).¹

A crise provocada pelo Covid-19 teve um impacto significativo em diversas esferas da vida. Em primeiro lugar, trata-se evidentemente de uma crise de saúde pública, que provavelmente ainda se estenderá por meses. O foco inicial dos pesquisadores consistiu em estimar a velocidade do contágio, a disseminação do vírus

¹ CAJNER, T; CRANE, L. D; DECKER, R. A; GRIGSBY, J; HAMINS-PUERTOLAS, A; HURST, E; KURZ, C; YLDIMAZ. The U.S. labor market during the beggining of the pandemic recession. NBER Working paper 27159. Maio de 2020. Disponível em <https://www.nber.org/papers/w27159.pdf>. Acessado em 22/07/2020.

e os o número de infectados. Para além dessas primeiras mensurações do impacto causado pelo vírus, realizada principalmente na seara da medicina, há também outras esferas de interesse, igualmente relevantes, que estão relacionadas ao efeito do *Covid-19* sobre a sociedade. Os efeitos causados na economia e no mercado de trabalho, por exemplo, tem despertado interesse, na medida em que as políticas de isolamento social e o número de infectados produzem impactos adversos sobre a vida das pessoas. No caso do mercado de trabalho, é notório que milhões de trabalhadores, em diversos países, foram severamente impactados pelas políticas de paralisação das atividades, isolamento social ou até medidas mais firmes, como o *lockdown*. Alguns trabalhadores puderam dar continuidade às suas atividades laborais por meio do trabalho remoto. Outros trabalhadores, contudo, vivenciaram uma paralisação completa de suas vidas. Houve, ainda, aqueles ocupados no setor de saúde e segurança, que tiveram mudanças na rotina e na periculosidade de seus trabalhos. (ILO, 2020)

Em meio ao impacto social e econômico causado pelo *Covid-19* e pelas políticas de paralisação da economia, líderes mundiais rapidamente deflagraram pacotes de auxílio governamental, com formatos e diretrizes diversas, com o objetivo de mitigar os danos causados sobre o mercado de trabalho. Contudo, por mais vasta que seja a proteção oferecida pelos auxílios governamentais, não há garantia alguma de que, após o término desses programas, os estabelecimentos voltem a contratar os trabalhadores já despedidos, ou que seja possível arcar com os funcionários que ainda estão na folha de pagamento. Os Estados Unidos, que apresenta um mercado de trabalho mais “flexível” em comparação aos países europeus, tiveram uma das maiores explosões do desemprego entre os países ricos. (ROTHWELL, 2020)

No dia 03 de março de 2020, Binder (2020) conduziu uma pesquisa nos E.U.A com pessoas acima de 18 anos questionando-as sobre as suas preocupações com o coronavírus, mais especificamente, sobre os impactos que elas esperavam ver na inflação e no desemprego. Apesar da variação nos graus de preocupação dos indivíduos entrevistados, a maior inquietação estava relacionada às consequências econômicas da pandemia, com 38% das pessoas respondendo que estavam altamente preocupadas com esse assunto. Aqueles que declararam acompanhar de perto as notícias sobre o coronavírus, além disso, demonstraram um maior nível de preocupação com os efeitos do vírus. Dos que participaram da pesquisa, apenas 6,5% afirmaram esperar que, nos próximos 12 meses, o desemprego estaria mais baixo do que os níveis verificados naquele momento; 57,4% disseram esperar o mesmo nível de desemprego; enquanto 36,1% tinha expectativas mais pessimistas, ao acreditar em níveis mais elevados de desemprego no futuro próximo. Restaria claro, no mês seguinte, que foram

as previsões mais pessimistas que acertaram o que ocorreria no mercado de trabalho dos Estados Unidos.

Logo no início da crise, já havia sinais de que os seus impactos no mercado de trabalho norte-americano seriam significativos. Informações preliminares apontavam, por exemplo, que em março de 2020 houve o maior aumento mensal da taxa de desemprego, desde janeiro de 1975. O número de novos desempregados atingiu 1,4 milhões em um único mês. A severidade da crise, ainda em seu início, já se refletia sobre o número de desempregados, que crescia aceleradamente. Ao mesmo tempo, continuava a explodir os pedidos de seguro desemprego, que, entre fevereiro e março, chegaram a crescer aproximadamente em 220 mil pedidos por semana. As evidências apontavam para um crescimento acelerado do desemprego, que vinha junto de um aumento forte dos pedidos de auxílio desemprego. Na ocasião, argumentou-se que esses números demonstravam somente o início de uma prolongada deterioração que se projetava no mercado de trabalho dos Estados Unidos. Os pedidos de seguro desemprego, nesse sentido, seriam apenas a “ponta do *iceberg*”. (PERNIAS, GIMENEZ, CESIT)

As evidências mostram que as oportunidades de emprego nos E.U.A. desaparecem *pari passu* ao crescimento dos pedidos por auxílio desemprego. Ademais, o mercado de trabalho entrou em colapso generalizado nos Estados Unidos como um todo, independentemente das políticas implementadas em nível local de restrições de movimentação dos cidadãos. Ou seja, ao menos até o início da pandemia, não há dados que mostrem se foi a política de isolamento ou se foi o espraiamento do contágio o maior responsável pela crise no mercado de trabalho. De todo modo, pode-se afirmar que a deterioração do mercado de trabalho é fruto de fenômenos ligados a uma crise de proporções nacionais. Diversos setores, afetados diretamente ou indiretamente pela pandemia, apresentaram impactos graves sobre o emprego e seu nível de atividade. A severidade da crise é um sinal de que os impactos negativos da crise não serão facilmente combatidos com o simples fim e interrupção das políticas de isolamento social. (KAHN, LANGE, WICZER, 2020)

Em abril de 2020, o *Bureau of Labor Statistics* (BLS) revelou, em seu relatório mensal, que foi constatado o maior aumento do desemprego e a maior queda do nível de emprego desde o início da série histórica, iniciada em 1948. Ou seja, ficou comprovado que a explosão dos pedidos de seguro desemprego, em meados de fevereiro e março, demonstravam realmente apenas a “ponta do *iceberg*”. Houve uma diminuição da força de trabalho, da taxa de participação, dos empregados e da relação emprego/população. Ao mesmo tempo, foi observado um crescimento notável dos desempregados, especialmente das mulheres, junto de um crescimento das pessoas

fora da força de trabalho. As diferentes estimativas de mensuração do desemprego nos E.U.A, por sua vez, revelaram que a forma oficial de medir o desemprego não consegue captar a extensão da crise no mercado de trabalho, na medida em que as formas alternativas acompanhar a subutilização da força de trabalho mostraram um crescimento violento da dos subocupados. Tratava-se de uma deterioração generalizada dos indicadores do mercado de trabalho norte-americano, conforme as informações da *Current Population Survey*. (GIMENEZ, POCHMANN, PERNIAS, CESIT)

O andamento da pandemia despertou o interesse de pesquisadores investigaram, por exemplo, quais trabalhadores estão recebendo a maior parte do fardo imposto com as políticas de distanciamento. Os resultados demonstram que as ocupações que mais sofreram o impacto do distanciamento social são justamente aquelas mais economicamente vulneráveis. Trabalhadores sem ensino superior, em pequenas e médias empresas, com uma renda mediana baixa, que vivem de aluguel, por exemplo, sofreram mais. São pessoas que, de um lado, pouco ou nada aproveitam a queda dos juros; de outro lado, a falta de riqueza e ativos dessas pessoas dificulta a obtenção de crédito e assistência em momentos de crise. O imigrante, solteiro, sem suporte familiar e com acesso restrito aos programas de assistência governamentais, por exemplo, é um modelo de cidadão mais impactado pelas políticas de distanciamento social. (MONGEY, LAURA, ALEX, 2020)

Há, portanto, diversas evidências de que os efeitos combinados da pandemia e das medidas de isolamento social provocaram danos consideráveis na economia, e, portanto, no mercado de trabalho norte-americano. Este artigo procura colaborar para a investigação da deterioração do mercado de trabalho nos Estados Unidos da seguinte maneira: por um lado, serão selecionadas as principais variáveis do mercado de trabalho: como a força de trabalho, o número de desempregados, o nível de emprego e a relação emprego/população, por exemplo. Para este exercício, utilizar-se-á dos dados da *Current Population Survey* (CPS), conforme um recorte por gênero e idade. Na segunda parte do artigo, a partir dos dados da *Current Employment Statistics*, faz-se uma análise setorial, demonstrando quais foram os impactos nas diferentes indústrias da economia norte-americana.

1. Uma análise geral – *Current Population Survey*

Para uma investigação ampla do mercado de trabalho norte-americano durante os estágios iniciais da pandemia *Covid-19* e do isolamento social, será realizada uma análise da *Current Population Survey* (CPS), por um recorte de gênero e faixa etária. A *Current Population Survey* (CPS), vale frisar, é conhecida pelo seu método de coleta de dados, domiciliar. Portanto, a CPS é adequada para mensurar indicadores como a força

de trabalho, a desocupação, o emprego agrícola e o trabalho autônomo, por exemplo, que requerem a coleta de dados diretamente nos domicílios. O seu universo de análise compreende todas as pessoas acima de 16 anos, que se enquadram como “não institucionais”, ou seja, que não estão presas, em instituições de detenção, caridade ou nas forças armadas. A amostra da CPS é realizada com aproximadamente 60.000 domicílios. Trata-se, assim, de uma vasta pesquisa capaz de fornecer informações valiosas sobre a situação da classe trabalhadora dos Estados Unidos. (BLS, 2020)

2.1. A força de trabalho, por gênero e idade

A primeira variável a ser analisada de modo mais detalhada é a força de trabalho. Tal como será realizada para todos os indicadores desta primeira parte, será apresentada uma investigação por gênero e por idade.

Figura 01 – Força de trabalho, por gênero e faixa etária: março 2019-abril 2020*

Categoria	2019		2020		2019-2020 (mar)		2019-2020 (abr)		Mar-Abr 2020 (%)	
	Março	Abril	Março	Abril	%	n.	%	n.	%	n.
Total	162.935	162.546	162.913	156.481	0,0	-22	-3,7	-6.065	-3,9	-6.432
Homens	86.441	86.233	86.123	83.139	-0,4	-318	-3,6	-3.094	-3,5	-2.984
16-24	10.702	10.621	10.446	9.501	-2,4	-256	-	-1.120	-9,0	-945
25-54	55.702	55.496	55.325	53.713	-0,7	-377	-3,2	-1.783	-2,9	-1.612
55 +	20.130	20.127	20.485	19.931	1,8	355	-1,0	-196	-2,7	-554
Mulheres	76.494	76.313	76.790	73.343	0,4	296	-3,9	-2.970	-4,5	-3.447
16-24	10.349	10.260	10.160	9.096	-1,8	-189	-	-1.164	-	-1.064
25-54	48.418	48.351	48.713	46.965	0,6	295	-2,9	-1.386	-3,6	-1.748
55 +	17.771	17.710	17.876	17.286	0,6	105	-2,4	-424	-3,3	-590

(*). Dados ajustados sazonalmente, em milhares. Em função das revisões nos dados e ajuste sazonal, os números agregados podem não corresponder ao somatório das observações desagregadas.

Elaboração própria a partir de Bureau of Labor Statistics

É possível notar que, entre março de 2019 e março de 2020, não houve alteração digna de nota na força de trabalho total. Isso leva a conclusão de que as mudanças mais notáveis na força de trabalho, engendradas pela crise Covid, começaram a partir de abril de 2020. Isso pode ser confirmado quando se observa que a força de trabalho total, entre abril de 2019 e abril de 2020, diminuiu em 3,7%, número que, em termos absolutos, representa aproximadamente 6 milhões de pessoas. Entre março de 2020 e abril de 2020, por fim, a diminuição da força de trabalho foi de 3,9%, algo que chega a quase 6,5 milhões de trabalhadores. Trata-se de uma queda acentuada da força de trabalho, ocorrida em apenas um mês.

Para os homens, entre março de 2019 e março de 2020 houve uma diminuição de 0,4% na força de trabalho, com uma diminuição de 318 mil pessoas. Assim, o mês de março já trouxe algum grau de modificação da força de trabalho para os homens, ainda que pouco notável. Foi somente no mês de abril, contudo, que os impactos da crise se projetaram com mais intensidade sobre a força de trabalho masculina, que encolheu 3,6% entre abril 2019-20. A diminuição da força de trabalho masculina, em apenas um mês (mar-abr 2020), foi de 3,5%, algo em torno de 3 milhões de homens.

Os homens jovens, contudo, foram os mais impactados em termos relativos, na medida em que, entre abril 2019-20, a diminuição da força de trabalho dos homens entre 16-24 anos foi de 10,5%, que representou aproximadamente pouco mais de um milhão de jovens. Os homens entre 25-54 anos tiveram, entre abril 2019-20, o maior impacto em termos absolutos, com uma diminuição em torno de 1,7 milhões de homens na força de trabalho. Entretanto, esse número representou somente uma queda de 3,2% no total de homens nessa faixa etária. Os homens mais velhos, por fim, foram os menos impactados, com uma diminuição de somente 1% na força de trabalho, entre abril 2019-20. Um fato que merece destaque com relação aos homens, vale salientar, repousa na diminuição precoce da força de trabalho observada para os jovens: logo entre março 2019-20, já ocorreu uma queda de 2,4% na força de trabalho dos homens de 16-24 anos. Ou seja, em termos relativos, os jovens sofreram mais, e mais precocemente os impactos da crise Covid.

As mulheres também apresentam uma tendência semelhante ao que foi observado para os homens, no sentido de que as mais jovens sofreram de modo desproporcional, e mais precocemente que as mulheres mais velhas. Contudo, no geral, o impacto na força de trabalho feminina foi, tanto em termos relativos como em termos absolutos, mais severo para as mulheres. Entre abril 2019-20, as mulheres tiveram uma diminuição de 3,9% na força de trabalho (quase 3 milhões de mulheres), e, entre março-abril 2020, a diminuição da força de trabalho feminina foi de 4,5% (quase 3,5 milhões de mulheres). Pode-se concluir, à vista disso, que a força de trabalho feminina foi, em porcentagem como em número total, mais afetada pela crise pandêmica de 2020.

As mulheres jovens, tal como os homens jovens, foram muito mais afetadas: entre março 2019-20, a diminuição da força de trabalho das jovens foi de 1,8%; entre abril 2019-20, a diminuição da força de trabalho das jovens atingiu 11,3%. Em somente um mês (março-abril 2020), isso representou uma queda violenta de 10,5% na força de trabalho das jovens, o que significa aproximadamente 1 milhão de mulheres. As mulheres de 16-24 anos, assim como os homens jovens, foram afetadas mais precocemente pela crise, e mais intensamente. Há, nesse sentido, indícios de que os jovens estão sendo mais afetados pela crise. Em números absolutos, a maior diminuição

para as mulheres se deu na faixa de 25-54 anos, uma vez que, entre março e abril de 2020, a queda foi de aproximadamente 1,7 milhões de mulheres na força de trabalho. Contudo, isso representou, entre março-abril de 2020, somente 3,6% das mulheres nessa faixa etária, fração bem inferior ao que foi notado para as mulheres mais jovens.

Conclui-se, sobre os impactos iniciais da crise covid na força de trabalho norte-americana: as mulheres sofreram mais do que os homens, tanto em números absolutos como em termos relativos. O agravante, para ambos os gêneros, cabe ressaltar, é que os jovens parecem estar sendo particularmente mais afetados pela crise, na medida em que os retrocessos, para os que têm entre 16-24 anos, começaram logo em março de 2020, e se aprofundaram até abril de 2020. Trata-se de um mau sinal para aqueles que estão ingressando e ainda não se consolidaram no mercado de trabalho.

2.2. A taxa de participação, por gênero e idade

Neste segundo exercício, será realizada uma breve investigação sobre os primeiros impactos da crise Covid sobre a taxa de participação. Assim como foi realizado para a força de trabalho, também será feita uma investigação por gênero e idade da taxa de participação.

Figura 02 – Taxa de participação, por gênero e faixa etária: março 2019-abril 2020*

Categoria	2019		2020		2019-2020 (mar)	2019-2020 (abr)	mar-abr 2020 (%)
	Março	Abril	Março	Abril	p.p.	p.p.	p.p.
Ambos sexos	63,0	62,8	62,7	60,2	-0,3	-2,6	-2,5
Homens	69,1	68,9	68,5	66,1	-0,6	-2,8	-2,4
16-24	56,3	55,9	55,5	50,5	-0,8	-5,4	-5,0
25-54	89,5	89,1	89,0	86,4	-0,5	-2,7	-2,6
55 +	46,0	45,9	45,9	44,6	-0,1	-1,3	-1,3
Mulheres	57,3	57,1	57,3	54,7	0,0	-2,4	-2,6
16-24	55,1	54,6	54,4	48,7	-0,7	-5,9	-5,7
25-54	75,7	75,5	76,4	73,6	0,7	-1,9	-2,8
55 +	35,0	34,9	34,6	33,4	-0,4	-1,5	-1,2

(*) Dados ajustados sazonalmente, em porcentagem. Em função das revisões nos dados e ajuste sazonal, os números agregados podem não corresponder ao somatório das observações desagregadas.

Elaboração própria a partir de Bureau of Labor Statistics

Em primeiro lugar, nota-se que, mesmo em tempos anteriores à crise (março de 2019), a taxa de participação feminina já era inferior à taxa de participação masculina. Ou seja, no pré-crise, as mulheres já estavam em posição pior do que os homens no mercado de trabalho norte-americano. De todo modo, entre março de 2019 e março de 2020, o impacto nas taxas de participação foram pouco significativos: para as mulheres,

não houve impacto algum; para os homens, houve uma queda de 0,6 p.p. na taxa de participação, indicado que a crise chegou mais cedo para a população masculina.

Entre abril de 2019 e abril de 2020, por outro lado, os impactos na taxa de participação, de ambos os sexos, foram significativos: para os homens, uma queda de 2,8 p.p.; para as mulheres, uma diminuição de 2,4 p.p. Nesse sentido, pode-se dizer que, entre abril de 2019 e abril de 2020, houve um impacto mais severo na taxa de participação masculina. Contudo, a queda mensal entre a taxa de participação verificada entre março de 2020 e abril de 2020 mostram números piores para as mulheres: em somente um mês, a queda foi de 2,6 p.p. para as mulheres, mas de 2,4 p.p. para os homens. Em resumo, pode-se concluir que os impactos na taxa de participação, quando mensurados em pontos percentuais, foram similares para ambos os sexos. Contudo, as mulheres já partem, em março de 2020, de um patamar de taxa de participação substancialmente inferior ao que foi observado para os homens. Nesse sentido, a crise *covid* agravou, principalmente, um grupo social que já apresentava uma inserção mais precária no mercado de trabalho.

Por fim, alguns comentários relevantes sobre o impacto da crise sobre as taxas de participação, por faixas etárias. Entre os homens, os jovens tiveram o maior impacto na taxa de participação. Entre abril 2019-20, por exemplo, ocorreu uma queda de 5,4 p.p. na taxa de participação dos homens mais jovens. Entre março-abril de 2020, a queda foi brusca, de 5 p.p da taxa de participação dos homens jovens. Contudo, são os homens mais velhos que apresentavam, no pré-crise, a pior taxa de participação masculina, mas foi este esse segmento que, em pontos percentuais, teve o menor impacto.

Para as mulheres, o maior impacto na taxa de participação também se deu sobre as mais jovens, que tiveram uma diminuição violenta de 5,9 p.p. na taxa de participação entre abril 2019-20. Entre março-abril 2020, ou seja, em um mês, a diminuição da taxa de participação das mais jovens foi de 5,7 p.p. As mulheres mais velhas, assim como os homens mais velhos, possuem as piores taxas de participação. Entretanto, e assim como foi observado para os homens mais velhos, foi este segmento etário feminino que apresentou os menores impactos na taxa de participação, quando mensurado em pontos percentuais.

Conclui-se, sobre a taxa de participação, que os impactos foram similares nos homens e nas mulheres, quando a mensuração foi realizada sob a ótica dos pontos percentuais contabilizados desde o início da crise. As mulheres, contudo, apresentavam antes da crise uma taxa de participação inferior a que foi observada para os homens. Nesse sentido, a crise agrava a situação de um grupo social que já possuía uma inserção mais precária no mercado de trabalho. Por fim, tanto para os homens quando

para as mulheres, foi observado que o impacto mais severo ocorreu entre os jovens (16-24 anos), que tiveram as piores diminuições da taxa de participação, quando mensurada em pontos percentuais. O ônus da crise, portanto recai mais fortemente sobre os mais jovens, e agrava a situação das mulheres.

2.3. Empregados, por gênero e idade

Neste terceiro exercício, será realizada uma investigação dos empregados, antes e durante a crise *Covid*. Essa análise cumpre o papel de descrever mais detalhadamente o que ocorreu com o número de empregados no mercado de trabalho dos Estados Unidos.

Figura 03 – Empregados, por gênero e faixa etária: março 2019-abril 2020*

Categoria	2019		2020		2019-2020 (mar)		2019-2020 (abr)		Mar-Abr 2020 (%)	
	Março	Abril	Março	Abril	%	n.	%	n.	%	n.
Total	156.741	156.696	155.772	133.403	-0,6	-969	-	-23.293	14,4	-22.369
Homens	83.047	82.999	82.357	71.916	-0,8	-690	-	-11.083	12,7	-10.441
16-24	9.618	9.602	9.343	7.161	-2,9	-275	-	-2.441	23,4	-2.182
25-54	53.947	53.789	53.374	47.236	-1,1	-573	-	-6.553	11,5	-6.138
55 +	19.575	19.600	19.785	17.522	1,1	210	-	-2.078	11,4	-2.263
Mulheres	73.694	73.697	73.415	61.487	-0,4	-279	-	-12.210	16,2	-11.928
16-24	9.590	9.556	9.138	6.342	-4,7	-452	-	-3.214	30,6	-2.796
25-54	46.823	46.902	46.939	40.533	0,2	116	-	-6.369	13,6	-6.406
55 +	17.297	17.234	17.293	14.615	0,0	-4	-	-2.619	15,5	-2.678

(*). Dados ajustados sazonalmente, em milhares. Em função das revisões nos dados e ajuste sazonal, os números agregados podem não corresponder ao somatório das observações desagregadas.

Elaboração própria a partir de Bureau of Labor Statistics

Em primeiro lugar, pode-se notar que, entre março 2019-20, não houve alteração substancial no total de empregados, pois a diminuição no emprego total foi de apenas 0,6%. Trata-se, contudo, de um primeiro indício de um impacto negativo no mercado de trabalho, que se agravaria no mês seguinte. Entre abril 2019-20, a queda no emprego total foi de 14,9%, número que impressiona. Em números absolutos, trata-se de uma eliminação de mais de 23 milhões de empregos. Num único mês, entre março e abril de 2020, a diminuição do emprego foi da ordem de 14,4%, e em números absolutos essa

queda foi de aproximadamente 22 milhões de empregos. Em resumo: o impacto da crise Covid foi severo no emprego total dos Estados Unidos. Sob qualquer ângulo que se analise a questão, trata-se de uma diminuição fortíssima do nível de emprego no mercado de trabalho dos E.U.A.

Há, todavia, diferenças importantes entre gênero e entre diferentes faixas etárias, que merecem destaque. Para os homens, a queda do emprego, entre abril de 2019 e abril de 2020, foi de 13,4%, com aproximadamente 11 milhões de empregos desaparecendo em relação ao mesmo período do ano anterior. Em um mês, ou seja, entre março e abril de 2020, a queda do emprego masculino foi de 12,7%, e, em números absolutos, de pouco mais de 10 milhões de empregados. Os homens jovens, todavia, tiveram um impacto proporcionalmente muito mais intenso nos empregados: uma diminuição de 25,4%, entre abril 2019-20, o que representa quase 2,5 milhões de empregos. Em um mês (março-abril 2020), a queda do emprego dos homens jovens atingiu 23,4%, o que representava, na época, pouco mais de 2 milhões de empregos. Houve, portanto, uma diminuição de aproximadamente um quarto no número de empregados, jovens, do sexo masculino. Tanto para os homens que possuem entre 25-54 anos, bem como para aqueles com mais de 55 anos, a diminuição do emprego, entre abril 2019-20, ficou em torno de 10-12%. Para os que tem entre 25-54 anos, todavia, a diminuição do emprego, entre abril 2019-20, foi de 6,5 milhões de empregados; para os mais velhos, essa diminuição foi de aproximadamente 2 milhões de empregos. Diferença de magnitude similar foi verificada na queda do emprego desses segmentos, entre março e abril de 2020: para os que tem entre 25-54 anos, uma diminuição de 11,5% (6 milhões de empregados); para os mais velhos, uma queda de 11,4% (2,2 milhões de empregados).

Para as mulheres, a queda do número de empregadas foi mais forte, em todas as faixas. Entre abril 2019-20, a diminuição das empregadas foi de 16,6% (12 milhões de empregadas); entre março e abril 2020, a queda foi de 16,2% (11,9 milhões de empregadas). Ou seja, em um único mês, houve a eliminação de aproximadamente 12 milhões de empregos ocupados por mulheres. Entre as mais jovens, o impacto da crise foi particularmente agressivo, mais do que para os homens jovens, vale acrescentar. Entre abril 2019-20, a diminuição do emprego feminino jovem foi de 33,6% (3,2 milhões de mulheres); entre março e abril de 2020, a queda do emprego das jovens foi de 30,6% (2,7 milhões de mulheres). Ou seja, entre abril de 2019 e abril de 2020, houve uma diminuição de um terço no estoque total de empregadas jovens. É nítido que as mulheres jovens foram, conforme os recortes de análise aqui feitos, as mais impactadas pela crise. As mulheres entre 25-54 anos tiveram, entre março e abril de 2020, uma queda de 13,6% das empregadas (6,4 milhões de mulheres). Já as mulheres mais

velhas, por sua vez, tiveram entre março e abril de 2020, uma queda de 15,5% das empregadas (2,6 milhões de mulheres).

Em síntese: uma breve análise do estoque de empregados homens e mulheres, por diferentes faixas etárias, demonstra que existem impactos diferenciados conforme o grupo social analisado. Em primeiro lugar, a eliminação de empregos afetou mais severamente as mulheres, que tiveram diminuições mais notáveis do que os números observados para os empregados homens. Em segundo lugar, nota-se que os jovens são os mais afetados, em números relativos, pela crise. Nesse sentido, foi observado que as mulheres jovens foram as mais afetadas, proporcionalmente, pela crise no mercado de trabalho norte-americano.

2.4. Empregados/população, por gênero e idade

Neste quarto exercício de análise do mercado de trabalho dos Estados Unidos durante a crise Covid, será realizada uma breve investigação da relação emprego/população. De acordo com a definição estabelecida pelo *Bureau of Labor Statistics*, a relação emprego/população representa o número de empregados como uma porcentagem da “população civil não institucional”². Trata-se de uma maneira de averiguar a parcela da população efetivamente empregada.

Figura 4 – A relação emprego/população, por gênero e faixa etária: março 2019-abril 2020*

Categoria	2019		2020		2019-2020 (mar)	2019-2020 (abr)	mar-abr 2020 (%)
	Março	Abril	Março	Abril	p.p.	p.p.	p.p.
Ambos sexos	60,6	60,6	60,0	51,3	-0,6	-9,3	-8,7
Homens	66,4	66,3	65,6	57,2	-0,8	-9,1	-8,4
16-24	50,6	50,6	49,6	38,0	-1,0	-12,6	-11,6
25-54	86,7	86,4	85,9	76,0	-0,8	-10,4	-9,9
55 +	44,7	44,7	44,3	39,2	-0,4	-5,5	-5,1
Mulheres	55,2	55,2	54,7	45,8	-0,5	-9,4	-8,9
16-24	51,1	50,9	48,9	34,0	-2,2	-16,9	-14,9
25-54	73,2	73,3	73,6	63,5	0,4	-9,8	-10,1
55 +	34,1	33,9	33,5	28,3	-0,6	-5,6	-5,2

(*). Dados ajustados sazonalmente, em porcentagem. Em função das revisões nos dados e ajuste sazonal, os números agregados podem não corresponder ao somatório das observações desagregadas.

Elaboração própria a partir de Bureau of Labor Statistics

² Por “população civil não institucional, entende-se todos aqueles que possuem mais de 16 anos, excluindo os membros das forças armadas, as pessoas que estão confinados em instituições corretivas, prisões, cadeias e casa de repouso.

A relação emprego/população revela a gravidade do impacto que a crise teve sobre as mulheres. Entre março 2019-20 houve apenas uma diminuição de 0,5 p.p. na relação emprego/população das mulheres, que, em março de 2020, registrou 54,7%. Todavia, entre abril de 2019 e abril de 2020, a diminuição da relação emprego/população feminina foi de 9,4 p.p., atingindo 45,8% nesse último mês. Em outras palavras, trata-se de dizer que menos da metade das mulheres que possuem acima de 16 anos estão trabalhando. Para as mulheres jovens, a situação é ainda mais drástica, pois, entre abril de 2019 e abril de 2020, ocorreu uma diminuição de 16,9 p.p. na relação emprego população das mulheres que possuem de 16-24 anos. Num único mês, entre março e abril de 2020, a diminuição foi de 14,9 p.p, fazendo com que, em abril de 2020, a relação emprego população das jovens chegasse a 34%. Ou seja, somente um terço das mulheres jovens está empregada.

Para os homens, a crise também trouxe uma diminuição notável da relação emprego população: entre março de 2019-20, a diminuição foi de somente 0,8 p.p, uma queda pouco significativa, mas que já indicava que algo estava de errado com o mercado de trabalho. Entre abril de 2019 e abril de 2020, a diminuição foi de 9,1 p.p., sendo que, entre março e abril de 2020, a diminuição atingiu 8,4 p.p. Assim, é justo dizer que os dois gêneros foram fortemente impactados pela crise, mas, proporcionalmente, esse impacto foi mais grave para as mulheres. Para mais, os homens jovens (16-24) também foram os mais impactados entre os homens, na medida em que, entre abril de 2019 e abril de 2020, a diminuição da relação emprego população dos jovens chegou a 12,6 p.p. Num único mês, entre março e abril de 2020, ocorreu uma diminuição de 11,6 p.p. na relação emprego população dos homens jovens. Em abril de 2020, por fim, cabe apontar que pouco mais de um terço dos homens (acima de 16 anos) estava empregado.

2.5. Desempregados, por gênero e idade

No quinto exercício de análise do mercado de trabalho dos E.U.A., feita uma breve análise da evolução dos desempregados, por gênero e conforme as diferentes faixas etárias. Trata-se de um passo fundamental para compreender melhor a extensão da crise, e quais foram os grupos mais vulneráveis ao desemprego no mercado de trabalho norte-americano. Em seguida, foi analisada também a evolução da taxa oficial de desemprego nos Estados Unidos, com o intuito de averiguar a extensão da crise Covid sobre a parcela de pessoas desempregadas nos E.U.A.

Antes de prosseguir, cumpre fazer um breve comentário sobre a definição de “desempregados”, conforme o *Bureau of Labor Statistics* - BLS. Conforme a definição utilizada pelo BLS, são considerados desempregados todas as pessoas que, na semana de referência da *Current Population Survey* (CPS), atendiam aos seguintes critérios: a) não estavam empregadas; b) estavam disponíveis para trabalhar, exceto por casos de doença e mal de saúde temporário; c) e, por fim, fizeram algum esforço de procurar emprego nas últimas 04 semanas.

2.5.1. O nível de desemprego

Este primeiro subtópico será dedicada a uma análise do número de pessoas desempregadas nos E.U.A., por gênero e por idade. Um breve olhar no número de desempregados, durante a crise *Covid*, revela que o impacto foi severo sobre a classe trabalhadora norte-americana. Entretanto, esse baque foi diferente conforme o gênero e a faixa etária analisada.

Figura 05 – A evolução dos desempregados, por gênero e faixa etária: março 2019-abril 2020*

Categoria	2019		2020		2019-2020 (mar)		2019-2020 (abr)		Mar-Abr 2020 (%)	
	Março	Abril	Março	Abril	%	n.	%	n.	%	n.
Total	6.194	5.850	7.140	23.078	15,3	946	294,5	17.228	223,2	15.938
Homens	3.394	3.234	3.765	11.223	10,9	371	247,0	7.989	198,1	7.458
16-24	1.084	1.019	1.102	2.340	1,7	18	129,6	1.321	112,3	1.238
25-54	1.754	1.707	1.951	6.477	11,2	197	279,4	4.770	232,0	4.526
55 +	556	527	700	2.409	25,9	144	357,1	1.882	244,1	1.709
Mulheres	2.799	2.616	3.375	11.855	20,6	576	353,2	9.239	251,3	8.480
16-24	760	703	1.022	2.754	34,5	262	291,7	2.051	169,5	1.732
25-54	1.595	1.449	1.774	6.432	11,2	179	343,9	4.983	262,6	4.658
55 +	474	476	582	2.671	22,8	108	461,1	2.195	358,9	2.089

(*). Dados ajustados sazonalmente, em milhares. Em função das revisões nos dados e ajuste sazonal, os números agregados podem não corresponder ao somatório das observações desagregadas.

Elaboração própria a partir de Bureau of Labor Statistics

Entre março de 2019 e abril de 2019, o número de desempregados aumentou 15,3%, o que representou um aumento absoluto de quase um milhão de pessoas. Já em março, portanto, o crescimento do desemprego já anunciava algo de errado no mercado de trabalho. Quando se compara abril de 2019 com abril de 2020, contudo, o crescimento dos desempregados é assustador: um aumento de 294,5%, o que representa, em termos absolutos, pouco mais de 17 milhões de pessoas.

Em um mês, entre março e abril de 2020, o aumento do número de desempregados foi de aproximadamente 16 milhões de pessoas, o que significou um crescimento de 223,2% dos desempregados. Ou seja, em apenas um mês, dezesseis milhões de homens e mulheres se juntaram à fila de pessoas que não estão empregadas e procuraram trabalho naquelas últimas 4 semanas.

Para os homens, o impacto foi forte: entre abril de 2019 e abril de 2020, houve um crescimento de 247% do número de desempregados, o que representou um aumento de aproximadamente 8 milhões de homens sem emprego. Entre março e abril de 2020, num único mês, o aumento dos homens desempregados foi de 198,1%, com 7,4 milhões de homens desempregados.

Ao contrário do que foi observado nas outras tabelas e nos outros exercícios de análise aqui realizados, neste caso, dos desempregados, não foram os jovens que apresentaram os piores números. Entre os homens, o caso mais grave foi daqueles mais velhos (55 anos ou mais), que, entre abril de 2019 e abril de 2020, tiveram um aumento de 357,1% dos desempregados, o que representou um crescimento de 1,8 milhões de homens sem emprego.

Num único mês, entre março e abril de 2020, aumento relativo dos homens mais velhos desempregados atingiu 244,1%, com 1,7 milhões de homens mais velhos desempregados. Cabe notar, contudo, que em números absolutos o impacto mais grave foi para os homens na faixa etária “intermediária” (25-54 anos), que, entre março e abril de 2020, tiveram um crescimento de 4,5 milhões de desempregados.

Para as mulheres, assim como o que foi visto até aqui, a crise trouxe impactos mais graves. Ou seja, reforça-se a hipótese de que a mulher possui, nos E.U.A, uma inserção mais precária e menos estável no mercado de trabalho. As mulheres, entre março de 2019 e março de 2020, tiveram um aumento de 20,6% do número de desempregadas, o que representou um crescimento de meio milhão de mulheres à fila das desempregadas. Já se tratava de um sinal de que algo não ia bem para o mercado de trabalho feminino.

Foi somente entre abril de 2019 e abril de 2020, contudo, que toda a extensão da crise se revelou: um aumento de 353,2% do número de mulheres desempregadas, o que representou pouco mais de 9 milhões de mulheres sem emprego. Num único mês, entre março e abril de 2020, o crescimento do número de mulheres desempregadas foi de 251,3%, com um aumento pouco maior de

8,4 milhões de mulheres sem emprego. Esses números atestam que a crise do desemprego proporcionada pela pandemia Covid atingiu mais gravemente as mulheres nos E.U.A.

Para mais, nas mulheres também foi observado que as mais velhas (55 anos ou mais) tiveram os piores números relativos do crescimento de desempregadas. Entre abril de 2019 e abril de 2020, por exemplo, houve um crescimento de 461,1% no número de desempregadas, o que representou pouco mais de 2 milhões de mulheres sem emprego. Os piores números relativos também foram vistos para as mais velhas entre março e abril de 2020, pois num único mês ocorreu um crescimento de 358,9% do número de desempregadas, o que representou um aumento de aproximadamente 2 milhões de mulheres. Assim como ocorreu para os homens, contudo, o maior impacto sobre as desempregadas, ao menos em termos absolutos, se deu para as mulheres que tem entre 25-54 anos, a faixa etária “intermediária, que, entre abril de 2019 e abril de 2020, registrou aumento de quase 5 milhões de mulheres desempregadas.

2.5.2. A taxa de desemprego

O segundo exercício de análise deste tópico é voltado a uma investigação da taxa de desemprego nos Estados Unidos. Após o estudo do número e da evolução dos desempregados durante a crise, cumpre analisar também qual foi o impacto sobre a parcela de pessoas sem emprego, por meio de um recorte de gênero e de idade.

Figura 06 – A evolução da taxa de desemprego, por gênero e faixa etária: março 2019-abril 2020*

Categoria	2019		2020		2019-2020 (mar)	2019-2020 (abr)	mar-abr 2020 (%)
	Março	Abril	Março	Abril	p.p.	p.p.	p.p.
Ambos sexos	3,8	3,6	4,4	14,7	0,6	11,1	10,3
Homens	3,9	3,8	4,4	13,5	0,5	9,7	9,1
16-24	10,1	9,6	10,6	24,6	0,5	15,0	14,0
25-54	3,1	3,1	3,5	12,1	0,4	9,0	8,6
55 +	2,8	2,6	3,4	12,1	0,6	9,5	8,7
Mulheres	3,7	3,4	4,4	16,2	0,7	12,8	11,8
16-24	7,3	6,9	10,1	30,3	2,8	23,4	20,2
25-54	3,3	3,0	3,6	13,7	0,3	10,7	10,1
55 +	2,7	2,7	3,3	15,5	0,6	12,8	12,2

(*). Dados ajustados sazonalmente, em milhares. Em função das revisões nos dados e ajuste sazonal, os números agregados podem não corresponder ao somatório das observações desagregadas.

Elaboração própria a partir de Bureau of Labor Statistics

Cumpramos analisar, neste exercício, a evolução da taxa de desemprego nos E.U.A, conforme um recorte de gênero e por diferentes faixas etárias. Em primeiro lugar, para ambos os sexos, vale dizer que, entre março de 2019 e março de 2020, já foi verificado um aumento de 0,6 p.p. na taxa de desemprego. Já era o prenúncio de que algo não estava bem no mercado de trabalho norte-americano. Entre abril de 2019 e abril de 2020, por outro lado, os impactos da crise foram fortes: um aumento de 11,1 pontos percentuais. Num único mês, entre março e abril de 2020, houve uma elevação de 10,3 p.p. na taxa de desemprego. Ou seja, em um mês, a taxa de desemprego mais do que triplicou nos Estados Unidos.

Para os homens, os impactos foram graves, mas a severidade da crise se deu de modo diferente conforme a faixa etária analisada. Como um todo, entre abril de 2019 e abril de 2020, a taxa de desemprego masculina aumentou 9,7 pontos percentuais. Entre março e abril de 2020, num único mês, o aumento da taxa de desemprego dos homens foi de 9,1 pontos percentuais. Foi entre os jovens, contudo, que foi observado o maior aumento da taxa de desemprego. Os homens jovens (16-24 anos), entre abril de 2019 e abril de 2020, apresentaram um aumento notável de 15 p.p. na taxa de desemprego. Num único mês, entre março de 2020 e abril de 2020, o crescimento da taxa de desemprego dos homens jovens chegou a 14 pontos percentuais. As outras faixas etárias os homens também tiveram impactos fortes da taxa de desemprego: entre abril de 2019 e abril de 2020, os homens de 25-54 anos tiveram um crescimento de 9 p.p. na taxa de desemprego; os mais velhos, acima de 55 anos, por sua vez, apresentaram nesse período um crescimento de 9,5 p.p. na taxa de desemprego.

Em resumo, a crise *covid* trouxe um impacto forte na taxa de desemprego masculina, mas os piores números foram observados para os homens mais jovens.

As mulheres, contudo, apresentaram números ainda piores do que o verificado para os homens, mostrando que os desdobramentos da crise foram mais graves para as trabalhadoras dos Estados Unidos. Entre março de 2019 e março de 2020, o aumento na taxa de desemprego feminina foi de 0,7 p.p., indicando que já havia algo de errado com o mercado de trabalho feminino. Contudo, foi somente entre abril de 2019 e abril de 2020 que a crise mostrou toda a sua perversidade no mercado de trabalho: o crescimento da taxa de desemprego feminina nesse período foi de 12,8 pontos percentuais. Num único mês, entre março e abril de 2020, o aumento da taxa de desemprego feminina foi de 11,8 pontos percentuais. Novamente, os piores números foram registrados para as mulheres jovens, que possuem entre 16-24 anos, que, entre abril de 2019 e abril de 2020, tiveram um aumento de 23,5 pontos percentuais na taxa de desemprego. Num único mês, entre março e abril de 2020, o crescimento da taxa de desemprego das mulheres jovens foi de 20,2 pontos percentuais. O impacto sobre a taxa de desemprego das mulheres de outras faixas etárias foi grave, mas nenhum outro segmento apresentou um aumento tão forte da taxa de desemprego. Entre abril de 2019 e abril de 2020, por exemplo, as mulheres de 25-54 anos tiveram um aumento de 10,7 p.p. na taxa de desemprego, número inferior ao crescimento da taxa de desemprego masculina da mesma faixa etária, vale acrescentar. As mulheres mais velhas, entre abril de 2019 e abril de 2020, por sua vez, tiveram um aumento de 12,8 pontos percentuais na taxa de desemprego, número que, cumpre dizer, também é inferior ao aumento observado para os homens nessa mesma idade.

É justo dizer, à vista dos dados coletados, que o impacto da crise foi severo sobre as taxas de desemprego. Contudo, o impacto nas taxas de desemprego foi diferenciado conforme os grupos analisados. As mulheres, em primeiro lugar, apresentaram crescimentos da taxa de desemprego mais significativos do que os homens, mostrando que o fardo da crise foi mais pesado para as mulheres. Para mais, os jovens também registraram os maiores aumentos da taxa de desemprego, indicado que o impacto da crise foi particularmente severo para aqueles que estão entrando (ou entraram recentemente) no mercado de trabalho. Quando se combina o gênero com a idade, por fim, notou-se que as mulheres jovens foram as mais afetadas pelo aumento da taxa de desemprego.

2.6. Fora da força de trabalho

Este tópico é voltado à uma breve investigação das pessoas que estão fora do mercado de trabalho nos Estados Unidos. Mais precisamente, trata-se daqueles fazem parte da população “não institucional”, mas não estão procurando trabalho, por motivos diversos. Nessa categoria, “fora da força de trabalho”, estão agregados tanto aqueles que não estão procurando trabalho, pois desistiram de procurar um emprego (desencorajados), bem como aqueles que não estão procurando trabalho, mas gostariam de estar empregados. Trata-se, de todo modo, de analisar a quantidade de pessoas que poderia estar ativamente trabalhando, mas que, pelos mais variados motivos, não está ativamente em busca de trabalho.

Figura 07 – A evolução das pessoas fora da força de trabalho, por gênero e faixa etária: março 2019-abril 2020*

Categoria	2019		2020		2019-2020 (mar)		2019-2020 (abr)		Mar-Abr 2020 (%)	
	Março	Abril	Março	Abril	%	n.	%	n.	%	n.
Total	95.714	96.596	97.221	104.066	1,6	1.507	7,7	7.470	7,0	6.845
Homens	38.750	39.087	39.725	42.887	2,5	975	9,7	3.800	8,0	3.162
16-24	8.591	8.675	8.703	9.680	1,3	112	11,6	1.005	11,2	977
25-54	6.435	6.746	6.752	8.493	4,9	317	25,9	1.747	25,8	1.741
55-64 ¹	5.884	5.785	5.829	6.021	-0,9	-55	4,1	236	3,3	192
65 +	17.841	17.881	18.441	18.692	3,4	600	4,5	811	1,4	251
Mulheres	56.964	57.510	57.496	61.179	0,9	532	6,4	3.669	6,4	3.683
16-24	8.627	8.801	8.734	9.888	3,4	600	4,5	811	1,4	251
25-54	15.482	15.659	15.048	16.881	0,9	532	6,4	3.669	6,4	3.683
55-64 ¹	8.818	8.847	8.741	9.205	1,2	107	12,4	1.087	13,2	1.154
65 +	24.036	24.202	24.972	25.206	-2,8	-434	7,8	1.222	12,2	1.833

(*) Em função das limitações das séries históricas do B, aqui os dados não são ajustados sazonalmente. Números em milhares.

(1) Em função das limitações das séries históricas, foi preciso acrescentar uma nova faixa etária neste exercício de análise.

Elaboração própria a partir de Bureau of Labor Statistics

Por limitações do *Bureau of Labor Statistics* – BLS, neste exercício de investigação das pessoas fora da força de trabalho foi preciso optar por fazer uso dos dados sem ajuste sazonal. Nesse sentido, é preciso salientar que os dados não estão ajustados sazonalmente, e, portanto, algumas das alterações aqui demonstradas podem trazer consigo modificações ligadas à sazonalidade. Esclarecido este ponto e deixando claro que este exercício possui essa grave limitação, cumpre observar que mesmo assim é possível extrair informações relevantes sobre como a crise *Covid* afetou

aqueles “fora da força de trabalho”. Além disso, foi preciso incluir, nesse exercício, mais uma faixa etária (55-64), pois, momentaneamente, o *Bureau of Labor Statistics* não estava fornecendo as informações para a categoria daqueles com mais de 55 anos de idade.

Para começar, uma análise de como a crise afetou os homens fora da força de trabalho. Entre março de 2019 e abril de 2020, os homens tiveram um aumento de 2,5% no número de pessoas fora da força de trabalho, indicando que, já naquele momento, havia algo de errado com o mercado de trabalho. Foi somente entre abril de 2019 e abril de 2020, contudo, que a extensão da crise se alastrou, pois houve um aumento de 9,7% do número de homens fora da força de trabalho. Entre abril de 2019 e abril de 2020, ademais, o maior impacto em termos relativos aconteceu para aqueles que tem entre 25-54 anos, que tiveram um aumento de 25,9% do número de pessoas fora da força de trabalho nesse período. Em seguida, para o mesmo intervalo de tempo (abril 19-2020), os jovens que tiveram o segundo pior desempenho em termos relativos, com 11,6% de aumento das pessoas fora da força de trabalho. Assim, neste caso, em particular, não foram os jovens que apresentaram os piores números, mas, sim, aqueles que tem entre 25-54 anos, ou seja, o grosso da força de trabalho norte-americana.

Cumpre, agora, investigar o que ocorreu com as mulheres que estão fora da força de trabalho. As mulheres, entre março de 2019 e março de 2020, tiveram um aumento de 0,9% de pessoas fora da força de trabalho, indicando que, já em março de 2020, havia algo de errado no mercado de trabalho. Entre abril de 2019 e abril de 2020, contudo, a crise estendeu: foi observado um crescimento de 6,4% das mulheres fora da força de trabalho. O maior impacto para as mulheres, contudo, não foi verificado entre as pessoas de 25-54 anos, como aconteceu para os homens. Para as mulheres, o maior aumento relativo das pessoas fora da força de trabalho aconteceu para aquelas que tem entre 55-64 anos, que apresentaram um aumento de 12,4%. O segundo maior impacto relativo, para as mulheres, aconteceu entre as mais velhas (65+), com um aumento de 7,8% das pessoas fora da força de trabalho. Ou seja, há uma diferença importante em como a crise impactou os homens e as mulheres: nos homens, o impacto foi mais forte naqueles que tem entre 25-54 anos; para as mulheres, o impacto foi mais significativo para as mulheres em idades mais avançadas, a partir de 55 anos, particularmente. Há, nesse sentido, peculiaridades importantes sobre os desdobramentos da crise nos E.U.A, conforme o gênero analisado.

3. Uma análise setorial - *Current Employment Statistics*

Neste exercício, será realizada uma análise abrangente do impacto que a crise covid teve sobre a estrutura ocupacional, conforme as indústrias nos Estados Unidos. Para cumprir esse objetivo, será feito uso da *Current Employment Statistics* (CES). A CES, também conhecida como “*Payroll survey*”, é voltada a medir o emprego, horas trabalhadas e remuneração dos trabalhadores do setor não agrícola, por setor e localização geográfica. A CES é conhecida pela sua precisão em descrever as alterações mensais do emprego total, pelos diversos setores da economia. A amostra, coletada mensalmente, envolve aproximadamente 145.000 estabelecimentos comerciais e agências governamentais. Nesta pesquisa, são desconsiderados os autônomos, aqueles que trabalham no setor agrícola e os trabalhadores não remunerados. (BLS, 2020)

3.1. Empregados, por setor

Em primeiro lugar, cumpre realizar uma ampla análise do emprego no setor não agrícola. Neste exercício, apresenta-se a evolução do emprego, por setor, para averiguar quais foram os segmentos ocupacionais mais impactados pela crise.

Figura 08 – Empregados por setor, E.U.A: março 2019-abril 2020*

Ano	2019		2020		2019-2020 (mar)		2019-2020 (abr)		Mar-Abr 2020	
	Março	Abril	Março	Abril	%	n.	%	n.	%	n.
Não Agrícola	150.282	150.492	151.090	130.303	0,5	808	-	-20.189	-	-20.787
Total privado	127.754	127.939	128.362	108.527	0,5	608	-	-19.412	-	-19.835
Produção de bens	21.011	21.039	21.086	18.698	0,4	75	-	-2.341	-	-2.388
Mineração/extração de madeira	741	741	706	653	-4,7	-35	-	-88	-	-53
Construção	7.443	7.469	7.574	6.556	1,8	131	-	-913	-	-1.018
Manufatura	12.827	12.829	12.806	11.489	-0,2	-21	-	-1.340	-	-1.317
Bens duráveis	8.056	8.056	8.031	7.126	-0,3	-25	-	-930	-	-905
Bens não duráveis	4.771	4.773	4.775	4.363	0,1	4	-	-410	-	-412
Serviços	129.271	129.453	130.004	111.605	0,6	733	-	-17.848	-	-18.399
Serviços privados	106.743	106.900	107.276	89.829	0,5	533	-	-17.071	-	-17.447
Trocas, transporte, utilidades	27.665	27.671	27.723	24.475	0,2	58	-	-3.196	-	-3.248
Comércio atacado	5.880	5.894	5.922	5.537	0,7	42	-	-357	-	-385
Comércio varejo	15.643	15.631	15.587	13.288	-0,4	-56	-	-2.344	-	-2.299
Transporte e estocagem	5.592	5.599	5.668	5.108	1,4	77	-	-490	-	-560
Utilidades	551	548	546	542	-0,9	-5	-	-6	-	-4
Informação	2.851	2.845	2.888	2.609	1,3	37	-	-236	-	-279
Ativ. Financeiras	8.707	8.721	8.827	8.566	1,4	120	-	-155	-	-261
Serviços e negócios profissionais	21.176	21.226	21.456	19.254	1,3	280	-	-1.972	-	-2.202
Educação e serviços de saúde	23.981	24.046	24.408	21.805	1,8	427	-	-2.241	-	-2.603
Serviços de Educação	3.725	3.740	3.785	3.318	1,6	60	-	-423	-	-467
Serviços de Saúde	20.256	20.306	20.623	18.488	1,8	367	-	-1.818	-	-2.136
Lazer e hospedagem	16.494	16.507	16.124	8.549	-2,2	-370	-	-7.958	-	-7.575
Outros serviços	5.869	5.884	5.850	4.571	-0,3	-19	-	-1.313	-	-1.279
Governamental	22.528	22.553	22.728	21.776	0,9	200	-	-777	-	-952

(*): dados ajustados sazonalmente. Em milhares

Elaboração própria a partir de Bureau of labor Statistics

Pode-se notar que, entre março de 2019 e março de 2020, houve um aumento do emprego total não agrícola, de 0,5%, o que representou um crescimento de 0,8 milhão de empregos. Ou seja, em março de 2020, a crise *covid* ainda não era percebida pelos dados mais gerais da estrutura ocupacional norte-americana. Entre abril de 2019 e abril de 2020, por outro lado, a crise mostrou a sua verdadeira extensão: a diminuição do emprego, nesse período, foi de 13,4%, o que representou uma queda de pouco mais de 20 milhões de empregos. Num único mês, entre março de abril de 2020, a diminuição do emprego não agrícola foi de 13,8%, com uma queda de quase 21 milhões de empregos. Há, contudo, diferenças importantes conforme o setor analisado.

Nos empregos privados, entre abril de 2019 e abril de 2020, a diminuição do emprego chegou a 15,2%, com uma queda absoluta de pouco mais de 19 milhões de empregos. O setor governamental, por seu turno, perdeu, entre abril de 2019 e abril de 2020, 3,4% do emprego, o que representou uma diminuição absoluta de aproximadamente 0,7 milhões de empregos. Assim, nota-se que a diminuição do emprego veio, quase que integralmente, do emprego no setor privado, que apresentou uma diminuição absoluta e relativa muito superior ao que foi observado para o emprego governamental.

Há, ademais, diferenças relevantes entre outros subgrupos ocupacionais: a produção de bens e os serviços. No setor de produção de bens, houve, entre abril de 2019 e abril de 2020, uma diminuição de 11,1% do emprego, o que representou 2,3 milhões de empregos. Ainda que a diminuição relativa do emprego em mineração e exploração de madeira, em construção e em manufatura (bens duráveis e bens não duráveis) tenha ficado em torno de 10-12%, para todos esses setores, há uma diferença substancial quando se analisa a questão por números absolutos. Em termos absolutos, o setor que mais sofreu, dentro do grande grupo ocupacional de “produção de bens”, foi o emprego na manufatura de bens duráveis, com uma diminuição de 1,3 milhões de empregos, entre abril de 2019 e abril de 2020. Por outro lado, em mineração e extração de madeira, para o mesmo período, a diminuição absoluta do emprego mal chegou a 0,1 milhão de empregos. Assim, nota-se que, dentro do setor de produção de bens, o impacto da crise foi maior, em termos absolutos, para a manufatura de bens duráveis.

Foi no setor de serviços, contudo, que a crise se explicitou de modo mais claro. Se, entre março de 2019 e março de 2020, houve um aumento de 0,6% no emprego de serviços, mostrando que a crise ainda não havia chegado no mercado de trabalho norte-americano, entre abril de 2019 e abril de 2020, a situação se modifica completamente. Entre abril de 2019 e abril de 2020, houve uma queda de 13,8% no emprego de serviços, o que representou uma diminuição de 17,8 milhões de empregos. Num único mês, a diminuição do emprego em serviços (março-abril 2020) foi de 14,2%, ou, em termos

absolutos, de 18,4 milhões de empregos. Assim, quando se compara o setor de produção de bens com o setor de serviços, nota-se que, em termos absolutos, a diminuição do emprego foi muito mais significativa no segmento de serviços. Todavia, o desempenho do emprego nos diversos subsetores, dentro dos serviços, foi muito distinto. Em lazer e hospedagem, por exemplo, a diminuição do emprego atingiu incríveis 48,2%, ou quase 8 milhões de empregos, entre abril de 2019 e abril de 2020. Por outro lado, o setor de utilidades, no mesmo período, teve uma queda de apenas 1% no emprego. Situação parecida foi observada o setor de atividades financeiras, que, entre abril de 2019 e abril de 2020, perdeu somente 1,8% do emprego. Nesse sentido, é importante notar que a diminuição do emprego nos Estados Unidos, durante a crise, atingiu todos os setores. Contudo, esse impacto foi muito distinto, e é necessário fazer uma análise atenta para compreender como os desdobramentos da crise afetaram cada segmento ocupacional nos E.U.A.

Outro fato que chama atenção repousa na diminuição do emprego que foi observada em educação e serviços de saúde. Espera-se que, numa crise sanitária, aumentem os ocupados no setor de saúde, uma vez que é preciso de mais pessoas para tratar e cuidar dos infectados e dos enfermos. Entretanto, não foi isso que se observou nos Estados Unidos, uma vez que, entre abril de 2019 e abril de 2020, a diminuição do emprego neste setor foi de 9,3%, ou, em termos absolutos, de 2,2 milhões de empregos. Especificamente, no setor de serviços de saúde, entre abril de 2019 e abril de 2020, a diminuição do emprego atingiu 9%, enquanto a queda absoluta foi de 1,8 milhão de empregos. Num único mês, a queda do emprego em serviços de saúde foi de 10,4%, ao passo que, em termos absolutos, essa queda foi de 2,1 milhão de empregos. Nota-se, à vista disso, que o grosso da diminuição do emprego vista no segmento de serviços de saúde e educação veio justamente do setor de saúde. Essa tendência vai ao contrário do desejado, impedindo a resolução da crise sanitária, limitando os esforços contra a contaminação, e, ao mesmo, diminuindo o número de pessoas que cuidam dos doentes.

3.2. O agregado de horas trabalhadas, por setor

Uma outra forma de mensurar a quantidade de trabalho perdida na crise repousa em analisar a evolução do agregado de horas trabalhadas nos E.U.A, conforme a *Current Employment Statistics*. Trata-se, vale ressaltar, de uma maneira mais precisa de calcular a “quantidade” de atividade laboral perdida neste momento de crise e isolamento, pois, ao invés de contabilizar empregos, mensura-se as o total de horas despendidas no trabalho, em todos os setores. Por limitações da série histórica aqui analisadas, não foi possível obter as horas trabalhadas de todos os empregados no

setor não agrícola, e tampouco no setor de serviços, como um todo. Está ausente dessa análise, além disso, as horas agregadas do setor governamental. De resto, todos os outros setores analisados em outros exercícios da *Current Employment Statistics* estão presentes.

Figura 9 – O agregado de horas trabalhadas nos E.U.A, por setor: março 2019-abril 2020*

Ano	2019		2020		2019-2020 (mar) %	2019-2020 (abr) %	Mar-Abr 2020 (%)
	Março	Abril	Março	Abril	%	%	%
Total privado	4.407.513	4.401.102	4.377.144	3.711.623	-0,7	-15,7	-15,2
Produção de bens	848.844	847.872	845.549	712.394	-0,4	-16,0	-15,7
Mineração/extração de madeira	34.531	34.679	31.911	28.079	-7,6	-19,0	-12,0
Construção	293.254	292.785	296.143	247.817	1,0	-15,4	-16,3
Manufatura	522.059	520.857	517.362	436.582	-0,9	-16,2	-15,6
Bens duráveis	330.296	329.490	326.862	269.363	-1,0	-18,2	-17,6
Bens não duráveis	191.317	190.443	190.045	167.103	-0,7	-12,3	-12,1
Serviços privados	3.554.542	3.559.770	3.529.380	3.000.289	-0,7	-15,7	-15,0
Trocas, transporte, utilidades	948.910	949.115	945.354	827.255	-0,4	-12,8	-12,5
Comércio atacado	229.332	229.854	229.781	208.745	0,2	-9,2	-9,2
Comércio varejo	480.237	479.875	476.950	405.272	-0,7	-15,5	-15,0
Transporte e estocagem	216.395	216.666	214.825	190.032	-0,7	-12,3	-11,5
Utilidades	23.235	22.906	23.037	23.048	-0,9	0,6	0,0
Informação	103.491	102.989	104.834	95.229	1,3	-7,5	-9,2
Ativ. Financeiras	328.254	328.782	331.895	322.938	1,1	-1,8	-2,7
Serviços e negócios profissionais	768.689	768.381	772.416	691.219	0,5	-10,0	-10,5
Educação e serviços de saúde	791.373	793.518	803.023	713.024	1,5	-10,1	-11,2
Lazer e hospedagem	430.493	427.531	388.588	206.886	-9,7	-51,6	-46,8
Outros serviços	187.808	187.700	184.275	147.186	-1,9	-21,6	-20,1

(*): dados ajustados sazonalmente. Em milhares

Elaboração própria a partir de Bureau of labor Statistics

Em primeiro lugar, cumpre analisar a queda nas horas agregadas trabalhadas no setor privado: entre março de 2019 e março de 2020, foi observada uma diminuição de 0,7% nas horas agregadas “total privado”, indicando que já havia algo de errado no mercado de trabalho e na economia dos Estados Unidos. Foi somente entre abril de 2019 e abril de 2020, todavia, que a crise se revelou: constatou-se, nesse intervalo, uma diminuição de 15,7% nas horas trabalhadas do setor privado. Num único mês, entre março e abril de 2020, a diminuição foi de 15,2%. Ou seja, a crise *covid* causou uma queda brusca das horas trabalhadas no mercado de trabalho norte-americano.

No setor de produção de bens, a queda nas horas agregadas trabalhadas foi, inclusive, mais forte do que a diminuição vista para o setor privado como um todo. Entre

março de 2019 e março de 2020, a diminuição das horas trabalhadas na produção de bens diminuiu 0,4%, o que já indicava uma tendência de diminuição das atividades produtivas. O destaque, contudo, repousa no setor de mineração e extração de madeira, que, já entre março de 2019 e março de 2020, apresentou uma queda de 7,6% nas horas trabalhadas. Nesse setor, a crise se manifestou muito mais cedo do que em outros segmentos da economia. Como se viu em outros exercícios, todavia, foi somente entre abril de 2019 e abril de 2020 que a crise veio como todo o seu impacto: no agregado para o setor de produção de bens, a diminuição das horas trabalhadas foi de 16%. O destaque, neste intervalo de abril de 2019 e abril de 2020, entretanto, se deu no setor de bens duráveis: uma diminuição de 18,2% das horas trabalhadas. Essa queda no setor de bens duráveis, de quase 1/5 das horas trabalhadas, vale ressaltar, foi uma das maiores diminuições vistas para todos os setores, nesse intervalo temporal específico.

Nos serviços privados, a queda nas horas trabalhadas seguiu os mesmos números vistos para o setor privado como um todo, entre abril de 2019 e abril de 2020: uma diminuição de 15,7%. O destaque, nos serviços privados, ficou para o setor de lazer e hospedagem, que já havia, nos exercícios anteriores, demonstrado sinais de que a diminuição de suas atividades na crise havia sido brusca. A queda das horas trabalhadas nesse setor, entre março de 2019 e março de 2020, foi de 9,7%, indicado que a paralisação das atividades em lazer e hospedagem começou mais cedo do que em outros setores. Neste ponto, fica claro a importância de analisar a quantidade agregada de horas trabalhadas em cada setor: no segmento de lazer e hospedagem, entre março de 2019 e março de 2020, a queda dos empregados foi de somente 2,2%; neste mesmo período, a participação deste setor no emprego total caiu somente 0,3 p.p.; contudo, quando se olha as horas agregadas trabalhadas nesse setor, no período mencionado, a diminuição foi de 9,7%, muito mais elevada do que nos outros exercícios de análise. Ou seja, as horas agregadas trabalhadas é uma forma mais precisa de captar os efeitos da crise em cada setor. Para mais, a queda de horas trabalhadas no setor de lazer e hospedagem, entre abril de 2019 e abril de 2020, foi de 51,6%, a maior verificada para todos os setores aqui investigados. O setor de utilidades e o setor de atividades financeiras, por outro lado, foram os menos impactados pela crise: entre abril de 2019 e abril de 2020, o setor de utilidades teve, na realidade, um aumento de 0,6% nas horas agregadas trabalhadas; o setor de atividades financeiras, no mesmo período, viu a suas horas trabalhadas diminuir em somente 1,8%. São indústrias, portanto, que sofreram menos com a crise, ao menos quando se olha as horas trabalhadas.

Por fim, o setor de educação e serviços de saúde, como um todo, apresentou uma diminuição de 10,1% nas horas trabalhadas, entre abril de 2019 e abril de 2020, contrariando as expectativas de que, nesse segmento, a quantidade de trabalho

umentaria em tempos de crise sanitária. Há, contudo, uma limitação grave no comentário aqui realizado: essa diminuição das horas trabalhadas diz respeito tanto à soma das horas trabalhadas no subsetor de educação e na saúde, o que impede a realização de conclusões mais precisas sobre este fenômeno. Ademais, o próprio setor de saúde é dividido entre diversas ocupações, relacionadas ou não ao tratamento, prevenção e cuidados relacionados à pandemia. Isso novamente, dificulta a análise da diminuição das horas trabalhadas e do emprego neste setor.

3.3. A massa salarial, por setor

Uma outra maneira de averiguar os impactos da crise repousa em analisar a massa salarial para cada indústria no período (*aggregate weekly payroll*³). Esse indicador é o produto da remuneração média por hora multiplicada pelas horas agregadas trabalhadas, para cada indústria. Em suma, trata-se de verificar a soma de todas as remunerações em cada setor, dando uma pista sobre o que tem ocorrido com o poder de consumo dos trabalhadores nos E.U.A, como um todo. Vale lembrar, como já especificado, que nas análises que fazem uso da *Current Employment Statistics* não se contabiliza aqueles ocupados no setor agrícola, e tampouco os trabalhadores autônomos. Dito isso, cumpre investigar o que aconteceu com a massa salarial da classe trabalhadora norte-americana durante a pandemia *covid*.

³ Para mais informações sobre as definições e as metodologias empregadas pelo, ver *Technical notes to establishment data published in employment and earnings*. Bureau of Labor Statistics. 2010. Disponível em <https://pdfs.semanticscholar.org/e696/b6df04b5a9f655691ef24b02af95243ce2d3.pdf>. Acessado em 16/07/2020.

Figura 10 –A massa salarial (US\$) nos E.U.A, por setor: março 2019-abril 2020*

Ano	2019		2020		2019-2020 (mar) %	2019-2020 (abr) %	Mar-Abr 2020 (%)
	Março	Abril	Março	Abril	%	%	%
Total privado	122.352.561	122.394.647	125.580.261	111.460.039	2,6	-8,9	-11,2
Produção de bens	24.387.288	24.427.192	25.062.072	21.549.919	2,8	-11,8	-14,0
Mineração/extração de madeira	1.138.142	1.155.851	1.108.907	984.450	-2,6	-14,8	-11,2
Construção	8.944.247	8.968.005	9.278.160	7.774.019	3,7	-13,3	-16,2
Manufatura	14.335.740	14.313.150	14.667.213	12.796.218	2,3	-10,6	-12,8
Bens duráveis	9.545.554	9.538.736	9.724.145	8.309.849	1,9	-12,9	-14,5
Bens não duráveis	4.775.272	4.751.553	4.933.568	4.481.702	3,3	-5,7	-9,2
Serviços privados	97.856.541	98.142.859	100.446.155	89.918.661	2,6	-8,4	-10,5
Trocas, transporte, utilidades	22.792.818	22.788.251	23.397.512	21.227.363	2,7	-6,8	-9,3
Comércio atacado	7.168.918	7.153.056	7.311.631	6.790.475	2,0	-5,1	-7,1
Comércio varejo	9.335.807	9.347.965	9.682.085	8.547.186	3,7	-8,6	-11,7
Transporte e estocagem	5.325.481	5.342.984	5.402.849	4.889.523	1,5	-8,5	-9,5
Utilidades	971.920	951.744	979.764	994.521	0,8	4,5	1,5
Informação	4.342.482	4.322.448	4.527.780	4.153.889	4,3	-3,9	-8,3
Ativ. Financeiras	11.666.147	11.747.381	12.217.055	12.048.817	4,7	2,6	-1,4
Serviços e negócios profissionais	25.620.404	25.686.977	26.609.731	24.676.518	3,9	-3,9	-7,3
Educação e serviços de saúde	21.778.585	21.813.810	22.436.463	20.171.449	3,0	-7,5	-10,1
Lazer e hospedagem	7.060.085	7.032.885	6.551.594	3.707.397	-7,2	-47,3	-43,4
Outros serviços	4.704.590	4.709.393	4.734.025	4.046.143	0,6	-14,1	-14,5

(*): dados ajustados sazonalmente. Em milhares US\$.

Elaboração própria a partir de Bureau of labor Statistics

Nota-se que, entre março de 2019 e março de 2020, houve um crescimento de 2,6% na massa salarial do setor privado. Não havia, portanto, sinal claro de crise neste intervalo temporal. Contudo, entre abril 2019 e abril de 2020, já foi possível notar uma diminuição notável da massa salarial no setor privado, mais especificamente, de 8,9%. Num único mês, entre março e abril de 2020, a diminuição da massa salarial do setor privado como um todo chegou a 11,2%. Trata-se de uma diminuição considerável do poder aquisitivo da população norte-americana.

No grande setor de produção de bens, a diminuição da massa salarial, entre abril de 2019 e abril de 2020, foi de 11,8%, sendo que, entre março e abril de 2020, a queda atingiu 14%. Entre os setores que integram a produção de bens, cabe apontar que a maior queda se deu no setor de mineração e extração de madeira, que, entre abril de 2019 e abril de 2020, sofreu uma redução de 14,8% em sua massa salarial. Num único mês (março-abril de 2020), todavia, entre os setores que compõem a produção de bens, a diminuição mais drástica foi no segmento de construção. A menor diminuição se deu

no setor manufatureiro de bens não duráveis, que, entre abril de 2019 e abril de 2020, teve uma diminuição de “somente” 5,7% na massa salarial agregada.

Nos serviços privados, também houve uma diminuição forte da massa salarial agregada para diversos setores. No geral, os serviços privados tiveram, entre abril de 2019 e abril de 2020, uma diminuição de 8,4% na massa salarial. Num único mês, entre março-abril de 2020, a redução da massa salarial dos serviços privados atingiu 10,5%. Nota-se, todavia, disparidades importantes entre os setores que compõem os serviços privados. O setor de lazer e hospedagem, como se poderia esperar, sofreu uma violenta diminuição da massa salarial durante a crise *covid*: entre março de 2019 e março de 2020, já foi observada, para este setor, uma queda de 7,2% na massa salarial, indicando que este foi um dos primeiros setores em que a crise se manifestou, fortemente, aliás. Entre abril de 2019 e abril de 2020, a diminuição da massa salarial do setor de lazer e hospedagem atingiu 47,3%, em linha com os outros números observados para este setor, em outros exercícios de análise realizados neste artigo. Por outro lado, o setor de utilidades, entre abril de 2019 e abril de 2020, teve um aumento de 4,5% na massa salarial, na contramão de quase todos os setores aqui analisados. A mesma situação foi observada para o segmento de atividades financeiras, que, entre abril de 2019 e abril de 2020, teve um aumento de 2,6% em sua massa salarial. Portanto, se é justo afirmar que os serviços privados sofreram gravemente com a crise, é preciso qualificar essa afirmação, lembrando que houve um desempenho heterogêneo entre os setores.

Considerações finais

Conforme os dados da *Current Population Survey* e da *Current Employment Statistics*, o espriamento do Covid-19 e a implementação das políticas de isolamento social provocaram danos consideráveis à economia e ao mercado de trabalho dos Estados Unidos. Na primeira parte do artigo, A primeira rodada de análise contemplou os indicadores mais gerais do mercado de trabalho conforme a *Current Population Survey*, realizada em âmbito domiciliar. Nessa investigação, foi constatado um impacto negativo violento sobre a força de trabalho, taxa de participação, empregados, relação emprego população, taxa de desempregado, número de desempregados e empregados.

Em meio ao desastre que se projetou sobre o mercado de trabalho dos Estados Unidos, também foi notado que o impacto negativo da pandemia afetou mais intensamente alguns segmentos sociais, particularmente os jovens e as mulheres. Em diversos indicadores, como a força de trabalho, a taxa de participação, o número de empregados, a relação emprego população, o número de desempregados e a taxa de desemprego e a quantia de pessoas fora da força de trabalho, por exemplo, as mulheres

já apresentavam uma inserção mais precária no mercado de trabalho dos Estados Unidos. Em outras palavras, em todos esses indicadores as mulheres já apresentavam sinais piores do que os homens, tratando-se, nesse sentido, de um “ponto de partida” desigual antes e durante a crise covid-19. Em quase todos esses indicadores, ademais, o impacto negativo da crise sobre as mulheres ocorreu em magnitude similar, ou mais severa, do que o verificado para os homens. Ou seja, a pandemia trouxe impactos graves sobre o mercado de trabalho, mas as mulheres sofreram um impacto mais severo da crise.

Para mais, os jovens também suportaram boa parte do peso da crise covid-19, conforme mostram os números relativos obtidos a partir da *Current Population Survey*. Na força de trabalho, na taxa de participação, no número de empregados, na relação emprego/população e na taxa de desemprego, por exemplo, foi possível notar um impacto negativo relativamente mais forte sobre os jovens do que sobre as outras faixas etárias. Isso é um indicativo de que a crise covid-19 tem prejudicado mais, ao menos em números relativos, justamente aqueles que estão mais precariamente inseridos no mercado de trabalho. O jovem, iniciando a sua vida profissional, agora encontrará condições ainda mais adversas para garantir a sua inserção no mercado de trabalho dos Estados Unidos. Em síntese, os impactos negativos da crise covid-19 têm recaído de forma mais severa sobre aqueles que estavam em condições piores no mercado de trabalho mesmo antes da crise: os jovens e as mulheres, especificamente.

Numa segunda parte da análise, foi feita uma investigação dos dados mais gerais da *Current Employment Statistics*. Os dados dos empregados por setor demonstram que a maioria dos setores da economia norte-americana foi gravemente afetados pela crise. A diminuição dos números de empregados no setor não agrícola, de forma agregada, foi assustadora. O impacto que a pandemia trouxe ao mercado de trabalho, pela ótica dos empregados, foi devastador. Cumpre ressaltar, ademais, que nessa análise foram considerados somente os meses de março e abril de 2020, que representam os meses iniciais da crise. Ou seja, existe a possibilidade de que os retrocessos se arrastem e se amplifiquem por muito mais tempo, dada à gravidade da crise sanitária e à severidade da crise econômica. Indo além, notou-se que em determinados setores a diminuição dos empregados foi mais intensa: o setor de lazer e hospedagem, por exemplo, viu aproximadamente 50% de suas vagas de emprego simplesmente desaparecerem. O setor varejista, ademais, também demonstrou uma diminuição notável dos empregados. Por outro lado, setores como as atividades financeiras e o setor de utilidades, por exemplo, tiveram quedas pequenas do número de empregados, mostrando que alguns setores estão mais blindados contra a crise. Por fim, há de se apontar que os serviços de educação e saúde tiveram uma diminuição de

seus empregados durante a crise, o que, a priori, vai contra a ideia de que, numa crise sanitária dessas proporções, era necessário que esse segmento empregasse muito mais, e não muito menos. A presente análise, contudo, agrega os empregados no setor de saúde e no setor de educação, e, portanto, conclusões mais precisas requerem estudos mais específicos sobre este tema.

No agregado de horas trabalhadas, foi possível notar os impactos da diminuição da carga de trabalho com um maior nível de precisão. No agregado, os impactos sobre as horas trabalhadas foram intensos, sendo que os setores mais afetados no emprego também demonstraram as maiores diminuições das horas trabalhadas. A massa salarial, por seu turno, revela que nos próximos meses há o risco de um enfraquecimento generalizado da demanda por bens e serviços nos Estados Unidos. A queda da massa salarial, que atingiu números elevados, mostra que há base empírica para uma preocupação real com os níveis de demanda na economia, o que, por seu turno, pode dificultar a recuperação econômica e jogar dúvidas sobre a capacidade de sair da crise sem uma atuação emergencial mais ampla do governo dos Estados Unidos.

REFERÊNCIAS

BEA. Technical Note. Gross domestic product – first quarter of 2020 (third estimate).

BEA. 25 de junho de 2020. Disponível em https://www.bea.gov/sites/default/files/2020-06/tech1q20_3rd_1.pdf. Acessado em 22/07/2020.

BINDER, C. Coronavirus fears and macroeconomic expectations. In: SSRN. 08 de março, 2020. Disponível em https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3550858. Acessado em 20/07/2020.

BLS. *Technical notes to establishment data published in employment and earnings. Bureau of Labor Statistics.* 2010. Disponível em <https://pdfs.semanticscholar.org/e696/b6df04b5a9f655691ef24b02af95243ce2d3.pdf>. Acessado em 16/07/2020.

BLS. Comparing employment from the BLS household and payroll surveys. Labor Force Statistics from the Current Population Survey. U.S. Bureau of Labor Statistics. 2020. Disponível em https://www.bls.gov/web/empsit/ces_cps_trends.htm. Acessado em 24/07/2020.

CAJNER, T; CRANE, L. D; DECKER, R. A; GRIGSBY, J; HAMINS-PUERTOLAS, A; HURST, E; KURZ, C; YLDIMAZ. The U.S. labor market during the beginning of the pandemic recession. NBER Working paper 27159. Maio de 2020. Disponível em <https://www.nber.org/papers/w27159.pdf>. Acessado em 22/07/2020.

GIMENEZ, D. M; POCHMANN, M; PERNIAS, T. COVID-19 e seus efeitos sobre o mercado de trabalho nos E.U.A. CESIT. Disponível em http://www.cesit.net.br/wp-content/uploads/2020/05/CESIT-Covid-19-e-o-mercado-de-trabalho-dos-EUA_VF.pdf. Acessado em 20/07/2020.

ILO. COVID-19 impact on the collection of labour market statistics. International labour organization. ILO. Atualizado pela última vez em 11 de maio de 2020. Acessado em 20/07/2020. Disponível em <https://ilostat.ilo.org/topics/covid-19/covid-19-impact-on-labour-market-statistics/>.

KAHN, L, B; LANGE, F; WICZER, D. G. Labor demand in the times of COVID-19: evidence from vacancy posting and UI claims. NBER working paper 27061. Abril de 2020.

MONGEY, S; LAURA, P; ALEX, W. Which workers bear the burden of social distancing policies?. NBER working paper 27085. Maio de 2020. Disponível em <https://www.nber.org/papers/w27085.pdf>. Acessado em 21/07/2020.

PERNIAS, T; GIMENEZ, D. M. COVID-19 e a explosão dos pedidos de seguro-desemprego nos E.U.A. – a “ponta do iceberg”? CESIT. Acessado em 20/07/2020. Disponível em <http://www.cesit.net.br/covid19-e-a-explosao-dos-pedidos-de-seguro-desemprego-nos-eua-a-ponta-do-iceberg/>

ROTHWELL, J. The effects of COVID-19 on international labor markets: and update. In: BROOKINGS. 27 de maio, 2020. Acessado em 20/07/2020. Disponível em <https://www.brookings.edu/research/the-effects-of-covid-19-on-international-labor-markets-an-update/>